

**Mídias e educação sexual:
o emprego das mídias vídeo, material impresso e *internet* como recursos auxiliares
à educação sexual de crianças e adolescentes no âmbito familiar**

*Media and sex education:
the use of video media, printed material and internet as auxiliary resources to the
sexual education of children and teenagers in the family context*

Fabíola Francielle de JESUS¹
Welton Vinícius Santos SILVA²
Yoná Fernanda Souza MOREIRA³
Juneo Carlos de Carvalho BOAS⁴

Resumo

O artigo em questão tem por objetivo demonstrar como as famílias podem empregar as mídias vídeo, *internet* e material impresso como ferramentas auxiliares à educação sexual das crianças e adolescentes. Esta pesquisa é relevante por contribuir cientificamente com o diálogo relativo à educação familiar relacionada à sexualidade, dado que o tema em questão é permeado por falácias e mitos. Referente aos materiais e métodos trata-se de um estudo de natureza qualitativa, interdisciplinar, modalidade revisão de literatura, cujos achados foram interpretados com o auxílio da técnica de análise de conteúdo. Dentre os resultados obtidos destaca-se que as famílias podem lançar mão dos materiais provenientes das mídias a fim de contribuir com o diálogo relativo à educação sexual de crianças e adolescentes de forma lúdica, respeitosa e gradual.

Palavras-chave: Educação sexual. Mídias. Crianças e Adolescentes.

Abstract

The article in question aims to demonstrate how families can use video, internet and printed material as auxiliary tools for the sexual education of children and adolescents. This research is relevant for scientifically contributing to the dialogue regarding family

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social (PPGDS), da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Professora no Curso de Serviço Social da UNIMONTES.
E-mail: fabiola_francielle@yahoo.com.br

² Especializando em Sexualidade Humana pela Faculdade em Venda Nova do Imigrante (FAVENI).
E-mail: weltonvinicius1@hotmail.com

³ Especialista em Atendimento Integral à Família pela Universidade Veiga de Almeida.
E-mail: yfsm78@hotmail.com

⁴ Graduado em Serviço Social pelas Faculdades Integradas do Norte de Minas (FUNORTE).
E-mail: juneoccb@hotmail.com

education related to sexuality, given that the topic in question is permeated by fallacies and myths. Regarding the materials and methods, this is a qualitative, interdisciplinary study, modality of literature review, whose findings were interpreted with the help of the content analysis technique. Among the results obtained, it is noteworthy that families can use materials from the media in order to contribute to the dialogue regarding the sexual education of children and adolescents in a playful, respectful and gradual manner.

Keywords: Sex education. Media. Children and Adolescents.

Introdução

Este artigo discute a educação sexual no âmbito familiar, cujo cenário é o Brasil. Por sua vez, o objetivo é destacar como as famílias podem empregar as mídias vídeo, material impresso e *internet* enquanto ferramentas de apoio à educação sexual de crianças e adolescentes.

Quanto ao delineamento metodológico trata-se de uma pesquisa qualitativa, modalidade revisão de literatura, com coleta de dados secundários analisados a partir da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2009). Esta técnica consiste na pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados.

Atinente à relevância desta pesquisa entende-se que estudos desta natureza podem ampliar o debate concernente à educação sexual. Sabe-se que o tema é polêmico e repleto de falácias. Ademais, a sua discussão é importante porque foram encontrados poucos estudos que versam sobre as mídias e a educação sexual no âmbito familiar.

De fato, a discussão sobre a educação sexual no Brasil é um tema polêmico e incita diversas *fake news* sobre os supostos “*kit gay*”, “mamadeiras em formato de pênis” e outras (des)informações. Nesta seara, tais falácias contribuem para alardear o medo em grande parcela da sociedade que supõe que educar sexualmente incitaria a prática sexual de crianças e adolescentes.

Consoante a tais ideias, a ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos do atual governo, Damares Alves, recomendou que a abstinência sexual até o matrimônio fosse defendida como campanha para o carnaval de 2020, conforme Esquerda Diário (2020). É prudente assinalar que a adoção de medidas que estimulem a abstinência sexual como método contraceptivo não está prevista nem na BNCC nem nos

PCN. Entende-se, pois, que posicionamentos como este contribuem com a deseducação sexual.

Não obstante este artigo discutir a educação sexual no âmbito familiar é prudente ressaltar que tal modalidade de educação não se restringe às famílias. De fato, a orientação sexual direcionada a crianças e adolescentes lhes permite posicionar-se na esfera social da sexualidade e está presente em todos os espaços de socialização - especialmente na família, escola, igreja, pares, no universo do trabalho, nas mídias – nos quais os adultos dialogam com as crianças e adolescentes quanto à sexualidade.

Este diálogo não se limita a falar em sexo, posto que consiste em fomentar o debate sobre o corpo, como ocorre a gravidez com ênfase na gravidez na adolescência, métodos contraceptivos, os tipos de parto, abuso sexual, diferentes arranjos familiares, relacionamentos afetivos e outras discussões que visam oferecer momentos nos quais as crianças e adolescentes tenham possibilidade de serem orientadas e escutadas a esse respeito, na perspectiva de Figueiró (2017).

Tal autora destaca a relevância da educação sexual no âmbito familiar, por se tratar da primeira instituição que realiza tal orientação. Assevera que este processo pode se dar de forma crítica e guiada por informações científicas ou arraigadas de moralismos, ideias distorcidas e preconceituosas. Com isso, as mídias assumem um importante papel no tocante a contribuir com a abordagem deste tema. Compreende-se por mídia a forma pela qual as linguagens tomam forma e se disseminam. Segundo Santaella (2003, p. 13): “[...] mídias são meios, suportes materiais, canais físicos, nos quais as linguagens se corporificam e através dos quais transitam”.

Feitos esses apontamentos introdutórios destaca-se a seguir a fundamentação teórica desta pesquisa.

Educação sexual no âmbito escolar e familiar

Conforme destacado anteriormente a educação sexual não se restringe ao âmbito familiar, dado que nos diversos espaços de socialização das crianças e adolescentes é possível abordá-la. Figueiró (2017) assinala que compete especialmente à família- em seus diversos arranjos- e à escola promover a educação sexual.

Quando a educação sexual se dá no espaço escolar é denominada de educação sexual formal. No cenário brasileiro, os principais parâmetros oficiais que norteiam a

educação sexual nas escolas brasileiras são a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Este último prevê que o tema da sexualidade seja tratado transversalmente em todos os ciclos de escolarização no que reporta ao uso de métodos contraceptivos, prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's)⁵, igualdade de gênero, autoconhecimento, dentre outros.

Ressalta-se que desde o começo do século passado tem sido implantados cursos de formação continuada para professoras/es tendo em vista abordar temáticas relativas aos direitos humanos e cidadania. Com isso, dezenas de milhares de profissionais da educação- professoras/es, gestoras/es e outros membros da comunidade escolar- participaram desta formação relacionada às desigualdades provenientes do gênero, orientação sexual, raça/etnia, em consonância com Deslandes (2015). Em termos conceituais a educação sexual nas escolas pode ser definida como

[...] um programa de ensino sobre os aspectos cognitivos, emocionais, físicos e sociais da sexualidade. Seu objetivo é equipar crianças e jovens com o conhecimento, habilidades, atitudes e valores que os empoderem para: vivenciar sua saúde, bem estar e dignidade; desenvolver relacionamentos sociais e sexuais respeitosos; considerar como suas escolhas afetam o bem estar próprio e dos outros; entender e garantir a proteção de seus direitos ao longo da vida (UNESCO, 2014, p. 11).

É necessário assinalar que a discussão da sexualidade no âmbito escolar no Brasil se deu de forma mais contundente com a publicação, em 1997, dos PCN para o ensino fundamental, e dois anos depois, os PCN para o ensino médio, tal como se observa em Unesco (2014). Tais documentos oficiais apresentam como inovação a transversalização de temas avaliados como relevantes para a sociedade nos currículos, dentre eles a ética, a pluralidade cultural, o meio ambiente, a saúde, o trabalho, consumismo e a educação em sexualidade ou orientação sexual.

A partir dos Parâmetros em questão surgiu a BNCC, cuja primeira versão fora homologada no ano de 2015, na qual se recomenda que o ensino formal aborde as múltiplas dimensões da sexualidade humana – biológica, sociocultural, afetiva e ética -. Este documento apresenta em torno de cinquenta páginas relacionadas à orientação sexual e reitera que tal tema necessita ser abordado de forma transversal nos currículos,

⁵ Esta expressão passou a ser empregada para substituir a expressão Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's) uma vez que destaca a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sinais e sintomas (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020, s/p).

discorre sobre a postura do educador e da escola, delineando, a esse respeito, as referências imprescindíveis à atuação educacional ao versar sobre o assunto nos três ciclos do ensino básico, conforme MEC (2020).

Estes breves apontamentos permitem considerar que a educação sexual formal no Brasil possui diretrizes oficiais que possibilitam a sua abordagem no ensino básico que é subdividido em três etapas: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio.

Contudo, em se tratando da educação sexual promovida pelas famílias não há um “caminho das pedras” a servir de parâmetro. Assim, comumente as famílias encontram diversos obstáculos para desempenhar esta função. Todavia, Figueiró (2017) explana que a família está sempre educando as crianças e adolescentes no tocante à sexualidade ainda que não o percebam ao discutir sobre o corpo, o respeito a si e ao próximo, a afetividade e outras questões. Assim, a próxima seção pontua sobre a educação sexual promovida pelas famílias, enfatizando alguns impasses e desafios.

A educação sexual no contexto familiar: notas sobre alguns impasses

Pode-se dizer que a educação sexual nas famílias ainda é considerada um tabu. Neste artigo compreende-se por educação sexual a forma de oferecer condições para que as pessoas assumam seu corpo e sua sexualidade com atitudes positivas, livres de medo, preconceitos, culpas e vergonha, na perspectiva de Souza (1991). Por sua vez, a sexualidade supera os aspectos biológicos e reprodutivos, visto que é parte integrante da personalidade e envolve todo o comportamento do indivíduo e se expressa numa diversidade grande de manifestações, tais como: carícias, beijos, abraços, olhares, sentimentos, afetos, fantasias, desejos, sonhos e prazer, conforme Santos (2001).

Nesta seara, a educação sexual na esfera familiar não se resume a apenas pontuar sobre relações sexuais, métodos contraceptivos e IST's. Reitera-se que a sexualidade e sexo não possuem sinonímia; transcende o ato sexual, posto que envolve o afeto, a saúde, autocuidado, questões de gênero, dentre outros enfoques.

Todavia, dialogar sobre estas questões não é uma tarefa fácil para grande parte das famílias brasileiras; com isso, a educação sexual é desafiadora. De fato, a literatura consultada indica que é recorrente o desconforto dos adultos responsáveis pelas crianças e adolescentes, especialmente as mães, pais e responsáveis quanto à abordagem destes temas. Consequentemente preferem omitir informações e assumem condutas repressoras

para tentar conter as dúvidas e ansiedades dos filhos acerca do assunto. Estas atitudes reverberam a reprodução da deseducação sexual.

A esse respeito, o estudo de Almeida & Centa (2009) demonstrou que os pais, mães e responsáveis em geral apontaram que uma das causas pela qual sentem-se tolhidos em versar sobre a educação sexual com as/os filhos/as diz respeito à forma como foram educadas/os. Com isso, a educação recebida teria deixado traumas que persistiam no tocante à relação com as/os filhas/os, sobretudo quanto aos diálogos relativos à sexualidade.

Outro impasse relativo à educação sexual por parte da família deve-se ao mito de que a sua abordagem estimularia e anteciparia os atos sexuais, tal como elucidam Trindade & Bruns (1999). Entretanto, ao contrário do que se propaga, a educação sexual não contribui com a vivência sexual precoce, ao contrário, corrobora com o seu adiamento, posto que contribui com a responsabilidade, entendimento e diminui as possibilidades de abuso sexual, gravidez não planejada e contágio por IST's.

Nesta constante, Costa (1986) considera que pais que tiveram uma educação repressiva e autoritária precisam rever seu posicionamento e ressignificar conceitos equivocados e preconceituosos acerca da sexualidade, com vistas à educação sexual emancipatória. Esta, por sua vez, pressupõe o desenvolvimento de ações voltadas à promoção da autonomia, com vistas a transcender padrões de comportamentos hierarquizados e estereotipados, superando preconceitos e tabus.

Assim, é fundamental que revisem suas dificuldades buscando informações confiáveis por meio das mídias através de leituras, debates, vídeos, reflexões e discussões sobre o tema. Assim, munidos de conhecimento será possível informar e orientar suas/seus filhas/os de forma mais emancipatória, conforme se discute a seguir.

O emprego das mídias vídeo, material impresso e *internet* como recursos auxiliares à educação sexual de crianças e adolescentes no âmbito familiar

Reitera-se que a educação sexual promovida pelas famílias é desafiadora e para tanto, estratégias devem ser levadas em consideração para contribuir com esta tarefa. A esse respeito, as mídias são recursos que auxiliam à compreensão e fomentam o diálogo relativo à educação no tocante à sexualidade.

A literatura atinente às mídias na educação é vasta. Como ilustração destes estudos ressalta-se a pesquisa de Dias e Leite (2014) quanto a este tema. Enfatizam que

o material impresso é a mídia mais empregada na educação. Em contrapartida, o rádio e a televisão têm a vantagem de serem imediatos, sendo que o primeiro possui como outra vantagem o seu baixo custo se comparado à televisão. Com o processo de digitalização o vídeo e a *internet* têm se popularizado cada vez mais no ambiente escolar.

Uma proposta considerada relevante é criticar o paradigma conservador de ensino baseado na transmissão de conhecimento, memorização aprendizagem competitiva e individualista, em prol da educação significativa e libertadora. Tais autoras consideram que para alcançar tal finalidade compreende-se que as mídias não devem ser potencialmente utilizadas somente na educação formal, dado que os espaços não escolares também podem empregá-las com vistas à construção e troca de saberes de forma mais criativa e atrativa.

Neste sentido, compreende-se que as famílias podem lançar mão das mídias como ferramentas auxiliares na educação sexual de crianças e adolescentes. Neste estudo, destaca-se o emprego do material impresso (livros), vídeo (série *Sex Education*) e *internet* (*site*, canal do *Youtube*) para esta finalidade. Para tanto, serão analisadas algumas fontes escolhidas por conveniência para lidar com a educação em sexualidade no âmbito familiar, possibilitando que crianças e adolescentes tenham acesso a informações de boa qualidade, adaptadas e adequadas à faixa etária e estágio do desenvolvimento.

A fim de possibilitar a abordagem sobre o abuso sexual com as crianças a obra de Taubman (2017) apresenta de forma lúdica e com linguagem apropriada ao público infantil o que é a violência sexual e como evitá-la. A personagem principal – Ritoca – é uma coelha e quase fora abusada pelo tio⁶ que queria tocá-la de forma inapropriada. Este livro é uma maneira de fornecer segurança e informação às crianças sem perder o encantamento próprio da literatura.

Arcari (s/d) também desenvolveu uma obra na qual as/os personagens Pipo e Fifi contribuem para que as crianças conheçam as partes do corpo, enfatizando as partes íntimas. Com uma metodologia apropriada e muitas ilustrações a autora

⁶ O abuso sexual ocorre principalmente no âmbito intrafamiliar. A esse respeito o *site* Childhood é uma importante ferramenta de conhecimento sobre temas relativos à proteção à infância e à adolescência, cujo foco de atuação é o enfrentamento do abuso e da exploração sexual contra crianças e adolescentes. Disponível em: Disponível em: < https://www.childhood.org.br/quem-somos?gclid=CjwKCAjw4871BRAjEiwAbxXi29MyVJhL9szMpm0NylOLItQYr15KxEmpfqnk0849e64imNdRVb1z9BoCh7QQAvD_BwE#intro >.

corroborar com a prevenção ao abuso sexual e dialoga sobre a afetividade e os cuidados para com o corpo.

A contação de histórias é um importante recurso para atrair a atenção das crianças, notadamente as mais novas. Destaca-se o canal do *Youtube*⁷ no qual há vídeos relativos a contos da literatura infantil, bem como os livros supracitados. Sugere-se que este canal seja pesquisado, pois possibilita que as mães, pais e responsáveis obtenham um norte quanto à contação de histórias para crianças de forma lúdica e criativa. Ademais, os vídeos em questão orientam quanto às lições que podem ser retiradas dos contos e fomentam os diálogos entre as crianças e os adultos responsáveis.

Apesar de possuírem maior acesso às informações as/os adolescentes também precisam de orientação sexual no âmbito familiar. A esse respeito, a mídia televisiva contribui por meio da série original da *Netflix* denominada *Sex Education* com a discussão relacionada à transição de gênero, a afetividade e sexualidade binária e não binária, abuso sexual, masturbação, prazer feminino, aborto, métodos contraceptivos e outras discussões a esse respeito de uma maneira extremamente natural.

Nesta série composta até então por duas temporadas Otis e Maeve são jovens estudantes da Escola *Moordale High* e tornam-se sócios em uma espécie de clínica de aconselhamento sexual criada clandestinamente como forma de vender orientações às/aos demais discentes deste educandário. Otis possui conhecimentos no campo da sexualidade provenientes da influência da sua genitora - Sra. Jean- que é terapeuta sexual, ao passo que Maeve acumulou saber neste ramo dado às suas vivências relacionadas à sua trajetória de vida, tais como iniciação sexual precoce, gravidez na adolescência e aborto (NETFLIX, 2020).

A escola em questão possui um modelo rígido de funcionamento, atenta ao rendimento acadêmico, contudo, alheia à formação integral para além das exigências curriculares tradicionais. Assim, os diversos preconceitos, *bullying* e demais conflitos entre discentes não possuem encaminhamentos para além das advertências e suspensões.

Na segunda temporada a Sra. Jean oferece gratuitamente à comunidade escolar orientações no campo da sexualidade, o que não se dá sem ressalvas por parte da direção e de alguns pais e mães das/os alunas/os, alegando que a educação sexual

⁷ Canal do *Youtube* Fafá conta histórias. A esse respeito vide:
<"https://www.youtube.com/channel/UC9fxSdFjcz5QWDEhYCK_k1w">.

compete à família. Esta atitude da terapeuta sexual possibilitou a discussão dos relacionamentos afetivos e sexuais entre professoras/es, sexo no matrimônio, machismo, relacionamentos abusivos divórcio e outros, tal como assinala Adoro Cinema (2020).

A explanação destas mídias tem por objetivo contribuir com a divulgação de alguns materiais que auxiliam as mães, pais ou responsáveis pela educação em sexualidade de crianças e adolescentes. A proposta é que estes momentos sejam realizados de forma natural a fim de evitar maiores constrangimentos- de ambas as partes- e que as histórias sejam contadas de forma lúdica e de forma que cativem às crianças. Ressalta-se que a educação sexual precisa ocorrer desde a primeira infância e não se resume a falar sobre sexo. Ademais, os adultos também necessitam aprender sobre este tema, posto que o diálogo deve ir além de aconselhamentos e da experiência pessoal que tiveram.

É prudente assinalar que há uma vastidão de materiais encontrados nas mídias que favorecem o diálogo entre pais, mães, responsáveis e filhas/os sobre a educação sexual, no entanto, dado os limites deste estudo foram selecionados por conveniência as fontes acima destacadas para contribuir com este processo educativo. Ademais, por mais óbvio que seja, destaca-se que promover uma leitura ou assistir e interpretar um vídeo por si só não garantirá a educação sexual e a proteção das crianças e adolescentes, pois se trata de ações progressivas e que perpassam todo o período do desenvolvimento infanto-juvenil.

Matérias e métodos

Este artigo possui natureza qualitativa, interdisciplinar, de caráter descritivo e exploratório. A bibliografia foi selecionada por meio da consulta de materiais diversos, tais como livros impressos de autores consagrados e emergentes nas discussões em estudo e fontes da *internet* selecionadas a partir das palavras-chave: educação sexual familiar, educação sexual formal no Brasil, mídias e educação sexual, livros, *sites* e vídeos sobre educação sexual.

A coleta de dados se deu via fontes secundárias, cujos achados foram interpretados por meio da análise de conteúdo proposta por Bardin (2009). Esta técnica é aplicável em pesquisas de natureza qualitativa ou quantitativa.

Em linhas gerais consiste em decodificar o teor de um conteúdo- que deve estar em um documento escrito- tendo em vista identificar as suas significações explícitas e ocultas. A autora apresenta os seguintes critérios de organização de uma análise: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados.

Resultados e discussão

A partir da revisão de literatura realizada e da sua interpretação por meio da técnica de análise de conteúdo foi possível identificar os resultados deste estudo e proceder à sua discussão. Um dos achados diz respeito à educação sexual formal brasileira. Verificou-se que o Brasil possui documentos oficiais para nortear a educação sexual de crianças e adolescentes. Esta, por sua vez, deve ocorrer de forma transversal no ensino básico.

Ainda que os PCN e a BNCC representem um importante passo a implementação destes documentos oficiais no tocante à educação sexual formal no Brasil nota-se a abordagem biologizante e superficial quanto à sexualidade, associando-a à prevenção de IST's e gravidez na adolescência, aproximando-se, assim, de percepções médico-higienistas atinentes à temática, segundo Louro (2018). A autora em questão assevera que a educação sexual precisa ser de fato abordada de forma transversal e não esporadicamente em ações fragmentadas.

Ressalta-se que a educação sexual de crianças e adolescentes compete, sobretudo, à família e à escola. Frente ao exposto, ambas são coparticipes do processo de formação de crianças e adolescentes e devem contribuir com a busca de uma sexualidade emancipatória. De fato, compete à educação sexual emancipatória

[...] abrir possibilidades, dar informações sobre os aspectos fisiológicos da sexualidade, mas principalmente informar sobre suas interpretações culturais, e suas possibilidades significativas, permitindo uma tomada lúcida de consciência. É dar condições para o desenvolvimento contínuo de uma sensibilidade criativa em seu relacionamento pessoal. Esta forma de abordagem da educação sexual deixaria de ser apenas um aglomerado de noções estabelecidas de biologia, de psicologia e moral, que não apanha a sexualidade naquilo que lhe pode dar significado e vivência autêntica: a procura mesmo da beleza interpessoal, a criação de um erotismo significativo do amor (VASCONCELOS, 1971, p. 111).

Conforme apresentado anteriormente as famílias encontram impasses quanto à promoção da educação sexual, em grande parte devido à forma repressiva pela qual os pais, mães e responsáveis foram educadas/os; por acreditarem que a abordagem do tema estimularia os atos sexuais; ou mesmo por vergonha e pouco conhecimento do tema. A fim de colaborar com este processo de aproximação com as/os filhas/os no tocante à educação sexual as mídias podem ser uma ferramenta útil, pois possibilitam abordar as questões relativas à educação sexual de forma lúdica, adequada, criativa e com informações que transcendem conselhos ou experiências particulares dos pais, mães e responsáveis.

Considerações finais

Em consonância com a literatura consultada discutiu-se a educação sexual no âmbito familiar, destacando-se como principais elementos desafiadores a cultura repressora nas quais os pais e mães foram educados/as e a sua perpetuação a partir da educação dos/das filhos/as. A fim de contribuir com este processo educativo no âmbito familiar as mídias são uma possibilidade de aproximação com os temas e contribuir com o diálogo entre os pais, mães e filhos. Ademais, destacou-se a educação sexual formal nas escolas brasileiras, enfatizando que não obstante a orientação de que a educação referente à sexualidade deva se dar de forma transversal são recorrentes ações fragmentadas e pautadas no aspecto biologizante saúde-doença.

Sabe-se que há muito a se avançar neste contexto, uma vez que o conservadorismo, presentes, sobretudo nas famílias e nos representantes políticos afiliados à bancada cristã, consideram que não compete às famílias tampouco às escolas promoverem a educação sexual, alegando que isto influenciaria as relações sexuais precoces e incitaria a “ideologia de gênero”. Este cenário de desinformações e preconceitos quanto aos objetivos da orientação sexual reverberam diversas falácias, algumas delas relatadas nesta pesquisa, tais como o “*kit gay*”, “mamadeiras em formato de pênis” e cooperam com estratégias igualmente descabidas, a saber: propor a abstinência sexual como forma de prevenir as IST’s e a gravidez na adolescência.

Em contrapartida, as mídias contribuem para pensar quão importante e necessária a abordagem da educação sexual pelas famílias. Reitera-se que a educação sexual é um dever a ser compartilhado especialmente pela família, escola e Estado.

Compete às famílias cumprirem o seu papel de forma crítica e afetuosa, compreendendo melhor o que é orientação sexual e os seus objetivos, criando espaços para o diálogo coerente e emancipador das crianças e adolescentes nos lares.

Cientes de que esta pesquisa não esgota por aqui propõe-se como futuros objetos de estudo levantar a percepção das/os alunas/os do ensino básico quanto à educação sexual familiar e a educação sexual formal. Ademais, é válido pesquisar projetos e experiências brasileiras relativas à educação sexual nas escolas do ensino básico.

Referências

Adoro Cinema. **Sex Education**. Disponível em:

<http://www.adorocinema.com/noticias/series/noticia-152922/>. Acesso em: 27/03/2020.

ALMEIDA, Ana Carla Campos Hidalgo de; CENTA, Maria de Lourdes. **A família e a educação sexual dos filhos**: implicações para a enfermagem. Acta Paulista de Enfermagem, v. 22, n. 1, p. 71-76, 2009.

ARCARI, Caroline. **Pipo e Fifi**: prevenção de violência sexual. São Paulo: All Print, s/d. Disponível em: <"http://www.institutoapicedown.org.br/wp-content/uploads/2017/04/Pipo_Fifi.pdf">. Acesso dia: 03/05/2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

COSTA, M. **Sexualidade na adolescência**: dilemas e crescimento. 8. ed. São Paulo: L & PM Editores, 1986

DESLANDES, Keila. **Formação de professores e direitos humanos**: construindo escolas promotoras de igualdade. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

DIAS, Rosilânia Aparecida. LEITE, Lígia Silva. **Educação a distância**: da legislação ao pedagógico. 4 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

ESQUERDA DIÁRIO. **Sex Education**: uma série necessária em tempos de Damares e abstinência sexual. Disponível em: <http://www.esquerdadiario.com.br/Sex-Education-uma-serie-necessaria-em-tempos-de-Damares-e-abstinencia-sexual>. Acesso em: 22/03/2020.

FIGUEIRÓ, Marineide Domico (2017). **O que é educação sexual**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=l_YzXUrL6Ls. Acesso em: 04/04/2020.

GUIMARÃES, A. M. A. N.; VIEIRA, M.J.; PALMEIRAS, J. A. Informações dos adolescentes sobre métodos anticoncepcionais. **Revista Latina-Americana de Enfermagem**, v. 11, n. 3, p. 293-298, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer. 3. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/historico.%2015/04/2020>. Acesso em: 03/04/2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)**: o que são, quais são e como prevenir. Disponível em: <<https://saude.gov.br/saude-de-a-z/infeccoes-sexualmente-transmissiveis-ist>>. Acesso em: 16/04/2020.

NETFLIX. **Série sex education**. Disponível em: <<https://www.netflix.com/br/title/80197526>>. Acesso em: 28/03/2020.

SANTAELLA, Claudio de Paiva. **Nativos digitais**: quem são? Presença Pedagógica, Belo Horizonte, v. 19, n. 111, p. 24-29, mai./jun.2003.

SOUZA, Hália Pauliv de. **Convivendo com seu sexo (pais e professores)**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1991.

TAUBMAN, Andrea Viviana. **Não me toca, seu boboca!** Belo Horizonte: Aletria, 2017.

TRINDADE, E.; BRUNS, M. A. T. **Adolescentes e paternidade**: um estudo fenomenológico. Ribeirão Preto: Holos, 1999.

UNESCO. **Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro**: tópicos e objetivos de aprendizagem. Brasília: UNESCO. 2014. Consultado a 23/03/2020, em http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/unesco/orientacoes_tecnicas_sexualidade_unesco_2014.pdf. Acesso dia: 14/04/2020.

VASCONCELOS, Naumi. **Os dogmatismos sexuais**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.